

## Apontamentos sobre a morte auto infligida entre os Ye'kwana<sup>1</sup>

Karenina Vieira Andrade (UFMG)

Palavras-chave: suicídio; povos indígenas; Ye'kwana.

Os Ye'kwana são um povo cujo território tradicional é cortado pela fronteira internacional que divide o Brasil da Venezuela. Falantes de uma das línguas classificadas na família linguística karib, no Brasil são cerca de 600 ye'kwana vivendo em quatro aldeias, três ao longo do rio Auaris (Tajädedatãha, Fuduwaaduinha e Kudatanha) e uma no rio Uraricoera (Waichannha), no noroeste do estado de Roraima, Terra Indígena Yanomami. Na Venezuela, são cerca de 5.000 pessoas, cujas mais de 60 aldeias estão situadas na bacia do Rio Orenoco. Desenvolvo pesquisa etnográfica nas comunidades ye'kwana do lado brasileiro desde 2005 e ao longo de mais de uma década, tenho acompanhado o aumento nos índices de mortes autoinfligidas entre os Ye'kwana. Neste trabalho, faço algumas reflexões sobre como os Ye'kwana entendem esta modalidade de morrer e esboço alguns pontos de tensão entre a teoria ye'kwana e a maneira como as políticas de atenção à saúde indígena procuram elaborar tanto interpretações sobre o fenômeno da morte autoinfligida quanto, a partir delas, políticas de intervenção.

Uma das dificuldades em analisar o suicídio é a precariedade de dados tanto no que se refere às mortes quanto às tentativas frustradas. Nesta última década e meia, vi crescer tanto as tentativas quanto as mortes por autoextermínio. A cada visita às comunidades, ouço narrativas consternadas seja sobre a perda de familiares, sejam os relatos de pais e mães cujos filhos sobreviveram a uma tentativa de autoextermínio, mas seguem sendo motivo de preocupação, uma vez que as estatísticas locais mostram que a chance de que um jovem que atentou contra a própria vida volte a incidir no gesto é muito alta. Muitas vezes, em Belo Horizonte, recebo notícias por aplicativo de mensagens no celular sobre partida de jovens amigos, alguns que conheci ainda crianças e com quem convivi de maneira intermitente nos últimos anos, alimentando laços de amizade e de afetos que tornam duro também à antropóloga o esforço de refletir sobre este tema. A cada uma dessas situações, volta à minha mente o breve diálogo que tive com o hoje vice-

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

chefe da comunidade de Fuduwaaduinha momentos depois de desembarcar da canoa que me levou da pista de pouso de onde se chega a Auaris até à comunidade, vinda de Boa Vista, para iniciar o período de treze meses de estadia da pesquisa que daria origem à minha tese de doutorado, através da qual eu, sem saber à época, iniciaria uma parceria de trabalho e de afetos de longa duração. Naquele momento, ainda sob a vertigem do primeiro voo sobrevoando a imensidão da floresta amazônica, e atordoada pelos sentimentos que acompanham o início de uma imersão etnográfica num contexto novo, fui recebida por Tomé na porta da casa onde me hospedaria nos primeiros meses de campo. Agente Indígena de saúde, com longa experiência de trabalho com os brancos, Tomé veio me recepcionar e dar as boas-vindas. Conversamos em português, uma das línguas em que ele é fluente, diante da minha total ignorância de recém-chegada com relação a sua língua materna. Depois de trocarmos as primeiras palavras, já um tanto familiarizado com a natureza do trabalho antropológico, uma vez que eu não era a primeira pesquisadora entre os Ye'kwana, Tomé me perguntou: e aí, você já está sabendo do problema da comunidade? Levei alguns minutos para entender a que problema ele se referia: as mortes autoinfligidas de jovens ye'kwana. Um deles havia falecido pouco antes de minha chegada e aquele era um assunto que vinha sendo debatido pelos mais velhos nos encontros noturnos na casa comunal, que acontecia cotidianamente, quando se reuniam para conversar e fumar tabaco após o jantar. Todas as vezes em que sou confrontada com a morte por autoextermínio de um jovem ye'kwana, eu volto a me lembrar da pergunta de Tomé. E todas as vezes me questiono sobre a minha incapacidade, em todos estes anos, de enfrentar de maneira sistemática o assunto, tendo trabalhado com diferentes temas de pesquisa. Uma década e meia depois, devo a mim mesma, a Tomé e aos meus tantos outros interlocutores as reflexões que aqui inicio.

A faixa etária das vítimas é de jovens de ambos os sexos na faixa de 14 a 25 anos. Os meios mais comumente usados pelos jovens são o enforcamento, arma de fogo (no caso dos rapazes) e envenenamento por timbó (sobretudo por mulheres), uma planta tóxica usada na pesca em locais represados, que não causa dano à saúde quando é macerada na água, paralisando os peixes temporariamente, mas leva à morte por asfixia quando o veneno é diretamente ingerido por humanos. Os mais velhos são unânimes em apontar a morte de um jovem, ocorrida em 1998, como a primeira de diversas que se seguiriam nos anos subsequentes. Até esta data, embora a ingestão ocasional de timbó por alguém irritado após uma discussão com um parente não fosse algo desconhecido, embora pouco recorrente, tais ocasiões eram vistas mais como uma maneira de expressar

sentimentos de angústia e descontentamento do que um desejo genuíno de dar fim à própria vida. Em tais ocasiões, a vítima logo era socorrida por um parente que, utilizando meios diversos para provocar o vômito, retirava-lhe da situação de risco que corria. Após a morte deste rapaz, entretanto, seguiram-se outras, tanto cada vez mais recorrentes quanto fazendo uso de meios mais letais, como armas de fogo e enforcamento.

Ao longo da pesquisa para a tese, centrada na análise das *wätunnä*, narrativas contadas pelos sábios ye'kwana que tratam da criação do mundo, das regras que regem as relações entre seres e pessoas e também os acontecimentos que estão por vir, o tema da morte por autoextermínio aparecia ocasionalmente nas minhas conversas com as pessoas com as quais dividi a vida por pouco mais de um ano. O tema, de certa forma, dizia respeito menos às minhas indagações e investigações como antropóloga e pesquisadora, em entrevistas formais ou outras práticas estruturadas na minha imersão etnográfica, e mais como alguém que compartilhava o cotidiano e os acontecimentos da vida na comunidade. Deste modo, eram em situações informais e via de regra desencadeadas por alguma situação concreta – quando alguém lembrava um acontecimento que dizia respeito a um jovem que partira, ou quando éramos confrontados com uma perda recente. Em uma dessas ocasiões, uma senhora já de idade avançada, por quem eu tinha grande estima e respeito, me disse: os jovens tentam se matar porque usam desodorante. As anotações de meu caderno de campo sobre aquela conversa, numa rodinha de mulheres após o jantar, revelam o que era, então, a minha total incapacidade de compreender o que aquela mulher me dizia. Anos depois, a afirmação dela é central para a compreensão da maneira como os Ye'kwana interpretam o que leva um jovem ao autoextermínio, e um de meus propósitos neste trabalho é tornar tal afirmação inteligível aos meus ouvintes e leitores não-ye'kwana, ao menos da maneira como hoje sou capaz de compreender.

O uso de desodorante, apontado por esta mulher como causa das mortes por autoextermínio, precisa ser contextualizado num conjunto de práticas de cuidados corporais que regem diligentemente o mundo ye'kwana. São práticas cotidianas e de amplo espectro, que vão desde a alimentação, a ornamentação, o ato de submeter o corpo a determinados rituais e restrições não só alimentares, mas também comportamentais, que variam de acordo com a faixa etária, a ocasião e as circunstâncias. Uma jovem moça ye'kwana, após sua menarca, entra em um longo período de reclusão em que deve respeitar uma rígida dieta, abandonar o uso de ornamentos corporais tais como a pintura e os colares de miçanga, e abster-se de interações sociais cotidianas. Uma mulher grávida,

por sua vez, também deve observar uma dieta específica não só durante a gravidez, mas nos primeiros anos de vida de seu bebê, assim como o jovem pai. Ambos adotam práticas diversas, tais como não sentar em bancos de madeira, tomar banho no rio ao amanhecer, manter suas redes amarradas após levantar-se pela manhã, não caçar determinados animais (no caso dos homens), de modo a garantir tanto a saúde da criança quanto a sua própria e de seu cônjuge. Um jovem que passa pelo processo de aprendizagem dos cantos e das narrativas *wātunnā*, por sua vez, deve igualmente seguir uma série de restrições alimentares e sociais de modo a garantir um aprendizado bem-sucedido. Pode-se afirmar, assim, que a produção de corpos fortes e saudáveis entre os Ye'kwana diz respeito à observação de restrições que estão associadas a cada etapa da vida, considerando-se não só a faixa etária da pessoa, mas as atividades nas quais ela se engaja. Tais restrições dizem respeito não apenas àquilo que nós não indígenas entendemos como o que afeta o corpo biológico, mas também a práticas relacionais e às disposições mentais e intelectuais. Desrespeitar tais regras enfraquece o corpo e a pessoa na sua totalidade, colocando-a em estado de perigo iminente: um corpo fraco está aberto à captura, ao adoecimento, via de regra causados pela ação de agentes externos. O entendimento de tais processos de produção de corpos é tangenciado pela linguagem das práticas xamânicas, uma vez que os perigos de captura e agressão de um corpo enfraquecido por agentes externos diz respeito às relações estabelecidas com uma miríade de seres não-humanos, invisíveis, com os quais se interage na vida cotidiana.

Dois outros eixos de explicação para as mortes por autoextermínio apareciam de maneira muito marcada nas minhas conversas com meus interlocutores: a escola e as agressões enviadas por um xamã de uma comunidade situada do lado venezuelano no território ye'kwana. O fato de que essa modalidade de morte ocorre sempre entre os jovens não passava despercebida aos mais velhos. Jovens estudantes, frequentando o ambiente escolar todos os dias, onde aprendiam o conhecimento do mundo dos brancos em lugar de tomar parte das atividades cotidianas junto a seus pais. A crítica aqui incidia menos sobre a instituição escolar em si mesma e mais sobre o processo de experimentar cotidianamente um outro modo de engajar seus corpos (e suas pessoas) em atividades que dizem respeito um outro modo de existência, com todos os perigos aí implicados. Deixando de lado as atividades cotidianas que produzem um corpo propriamente ye'kwana, os jovens produziam corpos enfraquecidos para seu mundo, expondo-se a perigos fatais. E que perigos são estes?

Um dos elementos apontados pelos ye'kwana como responsáveis pelas mortes autoinfligidas é a agressão xamânica. O xamã dessa comunidade venezuelana, instilado por querelas com pessoas da comunidade, enviava sistematicamente agressões a Auaris através de seres invisíveis, forças por ele manipuladas para agredir os moradores da comunidade. As agressões recaíam sobre aqueles que experimentavam um estado de maior perigo. Em outras palavras, aqueles de corpos fracos: os jovens.

O que há de comum entre desodorante, a escola e as agressões de um xamã? Na ânsia por encontrar uma causa última para as mortes autoinfligidas, concentrei-me durante muito tempo nos chamados “gatilhos”: uma briga com o cônjuge por ciúme, a raiva por ser repreendido publicamente pelos pais, a querela com um amigo... e deixei de lado o que o fenômeno de tirar a vida a própria vida parece *dizer*. Parte do que é dito está relacionado à produção de corpos mal-feitos, enfraquecidos pelo uso de substâncias inadequadas tais como desodorantes, alimentação desregrada, restrições desrespeitadas. Tais ideias tornam-se mais claras quando consideramos a série de práticas de autocuidado empreendidas pelos Ye'kwana para evitar essa modalidade de morte. Tais práticas dizem respeito tanto à busca pelo fortalecimento do xamanismo, até mesmo buscando especialistas não só ye'kwana, mas de outras etnias próximas, quanto à “domesticação” da escola, através da readequação de seu projeto pedagógico que prevê um calendário próprio, o respeito a restrições tais como a ausência devidamente abonada de meninas durante o período menstrual e mesmo a inserção crescente de conhecimento ye'kwana nos conteúdos didáticos. As práticas ye'kwana de autocuidado apontam claramente para a ideia dos processos necessários e adequados de uma pessoa saudável.

O grande desafio que se coloca aqui consiste em como traduzir e promover um diálogo entre o entendimento dos ye'kwana do que leva os jovens a atentarem contra suas próprias vidas e o entendimento das políticas de atenção à saúde indígena sobre o suicídio. Com a inserção de psicólogos nas equipes de saúde que atendem as comunidades ye'kwana, inserção motivada sobretudo pelos índices de suicídio, o dilema torna-se incontornável. A própria ideia da promoção da “saúde mental” é dificilmente traduzida para o modo de existência ye'kwana, que não dissocia a produção de uma dimensão interna da pessoa (as subjetividades) de sua dimensão externa (o corpo físico). Enquanto insiste-se em identificar processos de “adoecimento mental” entre jovens ye'kwana, associados à produção de suas subjetividades, deixando de lado o fato de que neste mundo a produção de subjetividades está associada a um trabalho coletivo, portanto externo, dificilmente o diálogo entre as práticas de autocuidado ye'kwana poderão caminhar lado

a lado com as práticas de autocuidado promovidas pela biomedicina. E uma vez que este diálogo não puder ser efetivado, recairemos uma vez mais em práticas de atenção à saúde que reproduzem um modelo colonialista, como acertadamente chama atenção Moreira (2017), ao apontar para os dilemas aqui mencionados.

Referências bibliográficas:

Moreira, Elaine, 2017. O lugar da fala: a questão do suicídio entre os Ye'kwana. In: APARICIO, Miguel & ARAÚZ, Lorena Campos, *Etnografías del suicidio en América del Sur*. Quito: Abya Ayala.